

ENSINO FUNDAMENTAL (7º AO 9º ANO)

PLANO 2: ESTUDO DO CONTO LITERÁRIO: “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Introdução

A leitura de textos literários além de prazerosa é uma atividade de grande aprendizado. A partir dela, o estudante pode ampliar seus conhecimentos culturais, aprofundar suas reflexões, despertar a imaginação e melhorar seu desempenho em leitura e escrita.


Nesse sentido, apresentamos uma proposta de trabalho com um texto muito conhecido no meio escolar: “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto, um clássico nacional. Com ele, buscamos explorar os elementos da narrativa, bem como promover uma reflexão crítica acerca dos valores comportamentais dos brasileiros, com vistas a propiciar um posicionamento dos estudantes diante de tais provocações.

Fazemos, ainda, relações com outros gêneros textuais que vêm a somar no nosso trabalho. O intuito da proposta é fazer o estudante perceber como o texto literário pode auxiliar na sua imersão literária, permitir-lhe a aquisição de vocabulário, observar a intertextualidade, além de ajudá-lo na sua formação de opinião. Para tanto, traçamos um percurso teórico, a organização dos momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura; a proposição das atividades e sugestões de *links* de sites para uma possível produção textual com gêneros textuais diversificados.

Ainda, o conto faz parte de uma coletânea organizada por Moacyr Scliar, outro grande escritor da literatura brasileira. Assim, importa também conhecer a sua biografia, bem como o suporte onde o texto está inserido, isto é, o próprio objeto livro, no que se refere à sua composição. Dessa forma, para que não haja uma mistura nas informações, o estudo do autor organizador, bem como o do livro pode preceder o estudo do texto propriamente dito. Dessa forma, busca-se apresentar um material bem completo que possa auxiliar na aula de Língua Portuguesa, abrangendo todos os elementos que circundam o texto literário aqui abordado.

2. O gênero conto

Os gêneros literários estão organizados de acordo com uma estrutura, um estilo e a recepção junto ao leitor. De modo geral, são classificados de três tipos: épico, lírico, dramático,



em que do primeiro originou-se o narrativo, o qual modernamente é o gênero que mais ampliou o texto em prosa.

Dessa forma, há alguns tipos tradicionais de narrativas, quais sejam: romance, novela, conto e crônica. Neste caso, vamos apresentar uma proposta de um conto, portanto, cabem algumas conceituações acerca desse gênero.

O conto é caracterizado como uma narrativa mais curta que o romance, por exemplo, mas que mantém os mesmos elementos, tais como: conflito, tempo, espaço e personagens. No caso do conto, por ser uma narrativa curta, o conflito apresenta-se condensado, cuja característica de síntese traz:


(i) número reduzido de personagens ou tipos; (ii) esquema temporal e ambiental econômico, muitas vezes, restrito; (iii) uma ou poucas ações, concentrando os eventos e não permitindo intrigas secundárias como no romance ou na novela; e (iv) uma unidade de técnica e de tom (fracção dramática, sedutora, em que tempo, espaço e personagem se fundem, muitas vezes) que o romance não mantém. (COSTA, 2014, p. 86-87).

Vamos começar pelo narrador. Ele não é o autor, mas uma entidade de ficção que narra em primeira ou terceira pessoa. Quando a narrativa acontece em primeira pessoa, chamamos-o de personagem-narrador. Caso esse tenha uma participação secundária, evidenciar-se-á a sua função de narração, mas se ele for o principal agente das ações, então, a sua função será além de narrador, a de personagem principal. Enquanto que o narrador em terceira pessoa é chamado de narrador onisciente, pois conhece toda a história.

O enredo é a própria história. É o desenrolar das ações das personagens. Esses, por sua vez, organizam-se em três grupos: os protagonistas, os antagonistas e os secundários. Os primeiros podem ser retratados como personagens idealizados ou com perfil mais próximo do real. Já os antagonistas, são aqueles que se opõem aos protagonistas para gerar o conflito da ação. Por fim, os secundários desenvolvem ações que não são tão relevantes para a história, mas têm a sua parcela de contribuição no enredo. O tempo da história pode ser a marcação cronológica ou psicológica das personagens. O lugar, por seu turno, trata-se do cenário em que as ações se sucedem.

3. Da importância da Literatura na escola

Segundo Zilbermann (1998, p.21), a leitura literária desenvolvida na escola busca um aspecto comum entre a escola e a literatura, isto é: “a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem”. Dessa forma, resta saber como a literatura procede.



Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 1998, p.22).

Em outras palavras, a literatura que atinge, em todos os tempos, o seu leitor cumpre seu papel porque “o que a ficção lhe sugere é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, através de sua linguagem simbólica (ZILBERMAN, 1998, p.23). Entende-se que, a partir desta linguagem, o leitor reconstrói seu mundo e a si próprio, visto que encontra na literatura a expressão do que sente e vive, fazendo como se posicione diante uma determinada situação.

Além disso, acerca dos textos literários, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p. 87) nos traz a competência número 9, a qual enfatiza que ao estudante deve

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Para a BNCC (2017), há os diferentes campos de atuação humana e, entre eles, o artístico-literário. Neste aparte, o documento informa:

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO – O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica, por meio: - da compreensão das finalidades, das práticas e dos interesses que movem a esfera artística e a esfera literária, bem como das linguagens e mídias que dão forma e sustentação às suas manifestações; - da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade; - do desenvolvimento de habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias, que circulam nas esferas literária e artística. Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos,

gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores (BNCC, 2018, p.156).

Portanto, as manifestações literárias são imprescindíveis na formação do leitor infantojuvenil, pois abre-lhe muitas possibilidades de crescimento intelectual, humanizador e de aprendizagens por meio da leitura.

HABILIDADES DA BNCC

Campo Artístico-Literário – Leitura


(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em blog/vlog cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD's, DVD's etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

Campo Artístico-Literário – Produção de textos

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos



pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

Campo Artístico-Literário – Oralidade

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.

Campo Artístico-Literário – Análise Linguística e Semiótica

(EF69LP54) Analisar os efeitos de sentido decorrentes da interação entre os elementos linguísticos e os recursos paralinguísticos e cinésicos, como as variações no ritmo, as modulações no tom de voz, as pausas, as manipulações do estrato sonoro da linguagem, obtidos por meio da estrofação, das rimas e de figuras de linguagem como as aliterações, as assonâncias, as onomatopeias, dentre outras, a postura corporal e a gestualidade, na declamação de poemas, apresentações musicais e teatrais, tanto em gêneros em prosa quanto nos gêneros poéticos, os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc.), que funcionam como

modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprias de cada gênero narrativo.

PREPARAÇÃO DO PROFESSOR

Caro professor, apresentamos a seguir uma relação de *sites* de mídias diversas para instrumentalizá-lo, caso deseje desenvolver com a turma outras atividades relacionadas às mídias digitais, entre elas, como criar um podcast, realizar gravação, as ferramentas necessárias para edição, para uso com celular ou estúdio e roteiro de atividades. As plataformas midiáticas podem ser trabalhadas independente dos gêneros textuais. Abaixo, pode ser conferida uma relação de atividades a serem desenvolvidas com os sites que explicam todas as possibilidades de cada tarefa.

Relação de sites para a produção de materiais midiáticos na sala de aula

Como criar um podcast? Gravação, ferramentas, edição, celular, estúdio, roteiro etc.:

https://www.youtube.com/watch?v=Of5A6o9J_F8

<https://www.youtube.com/watch?v=lafP3i00UBk>

Google Sala de Aula: possibilidades e recursos:

https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/classroom/?modal_active=none&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQo-XZc0FhiisFQ91PizFKymEb28qGr9qYs6XZ4Ief65nEjUZzv3wBRoCKzAQAuD_BwE

Blog: como criar, possibilidades, recursos:

[https://wordpress.com/pt-br/create-](https://wordpress.com/pt-br/create-blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=662299896&adgroupid=54282623743&matchtype=e&device=c&network=g&targetid=kwd-96695593&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQsJnOwt8gdu96t2CX3MxTuqY_WnvO6YDW92cX5iwj1P3RErNYlgy6RoCxu4QAuD_BwE)

[blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=662299896&adgroupid=54282623743&matchtype=e&device=c&network=g&targetid=kwd-96695593&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQsJnOwt8gdu96t2CX3MxTuqY_WnvO6YDW92cX5iwj1P3RErNYlgy6RoCxu4QAuD_BwE](https://wordpress.com/pt-br/create-blog/?utm_source=google&utm_campaign=google_wpcom_search_non_desktop_br_pt&utm_medium=paid_search&keyword=web%20blog&creative=417012659759&campaignid=662299896&adgroupid=54282623743&matchtype=e&device=c&network=g&targetid=kwd-96695593&gclid=CjwKCAiA55mPBhBOEiwANmzoQsJnOwt8gdu96t2CX3MxTuqY_WnvO6YDW92cX5iwj1P3RErNYlgy6RoCxu4QAuD_BwE)

<https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-blog/>

<https://www.tecmundo.com.br/blog>

<https://rockcontent.com/br/blog/como-criar-um-blog/>

<https://www.youtube.com/watch?v=U14WD9bBqNE>

<https://www.youtube.com/watch?v=X5GIHTfDNa0>

<https://www.youtube.com/watch?v=4krzqgsFqNo>

Dessa forma, a leitura do material que apresentamos estará conectada com a exigência de inserção das novas mídias na sala de aula, bem como promoverá a interdisciplinaridade, algo há muito valorizado na área educacional, visto que conhecimento não se dá em caixinhas separadas, mas ele é interligado e inter-relacionado às várias áreas do saber. Isso torna o trabalho em sala de aula mais prazeroso e produtivo para o aluno, além de atender às propostas contemporâneas para o ensino.

Antes de iniciar a proposta que será dirigida aos alunos, é importante que o professor conheça o autor e o contexto em que o texto foi produzido. Algumas dessas informações poderão ser compartilhadas com os alunos, na medida em que o professor considerá-las oportunas.

Quem foi Moacyr Scliar?

Moacyr Jaime Scliar, ou apenas Moacyr Scliar, foi escritor brasileiro, médico e professor universitário. Nasceu em Porto Alegre em 23 de março de 1937 em uma família de origem judaica e faleceu na mesma cidade em 27 de fevereiro de 2011. Foi colunista dos jornais *Zero Hora* e *Folha de São Paulo*. Escreveu mais de setenta livros em diversos gêneros e traduzidos para vários idiomas. É o sétimo ocupante da cadeira n. 31 da Academia Brasileira de Letras. Por suas escritas, recebeu vários prêmios. (ACADEMIA.ORG).

Seu legado literário envolve a temática do imigrante judeu, bem como temáticas relacionadas à prática da medicina, da doença e da morte. É considerado um dos escritores mais representativos da literatura brasileira da atualidade. Algumas de suas principais obras são *A Guerra no Bom Fim*, *O Exército de um Homem Só*, *O Centauro no Jardim*, *A Estranha Nação de Rafael Mendes*, *A Majestade do Xingu*, *A Paixão Transformada: História da Medicina na Literatura*.

Quem foi Lima Barreto?

O foco da atividade é um conto de Afonso Henriques de Lima Barreto. Ele nasceu em Laranjeiras no Rio de Janeiro em 15 de maio de 1881 e faleceu na mesma cidade em primeiro de novembro de 1922. Estudou no Colégio Pedro II. Trabalhou no âmbito do jornalismo e no funcionalismo público. Foi um importante escritor pré-modernista, autor de várias obras, entre elas “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, “Clara dos Anjos”. Muito de sua escrita revela a sua experiência como jornalista. Seu estilo de escrita

revela uma linguagem de estilo objetivo e informal. Descreve com clareza e simplicidade as particularidades o cotidiano das classes suburbanas e desprivilegiadas do Rio de Janeiro, apresentando a desigualdade social, o preconceito racial sofrido pelos negros e mestiços, além de abordar os desmandos na política de sua época.

O conto “O homem que falava javanês” tem como personagens principais Castelo, o amigo Castro e o Barão de Jacuacanga. Nessa história, observa-se uma crítica ao falso intelectual. Um homem que pretende conquistar um emprego sob pretexto de falar uma língua que ninguém conhece.

CRIANDO LEITORES

1. Antes da leitura

A presente proposta de análise de texto desenvolve-se acerca do gênero conto e, por isso, requer do mediador da leitura um cuidado com a preparação para o momento de conhecer o texto, já que se torna necessário contextualizar o aluno-leitor sobre o autor e a época em que foi escrito. Além disso, vale dialogar com os leitores a partir da ideia de “deslocamento de lugar”, aqui entendido como o importante processo de “ir para outro ponto de vista” a fim de compreender, de forma mais aprofundada, a narrativa que se vai ler.

O fato de a leitura estar sendo planejada para adolescentes faz com que tenhamos a preocupação de realmente considerar o aspecto de direcionar o olhar, pois é relevante que a compreensão parta daquilo que já é de conhecimento do estudante. Nesse sentido, como preparação inicial, sugerimos a leitura da tirinha a seguir:



Fonte: <https://jornaldebrasil.com.br/charges/>

Nesse caso, é importante discutir com o estudante sobre questões éticas na sociedade. Essas atitudes expressadas na tirinha revelam a índole de muitas pessoas e que são, muitas vezes, normalizadas na sociedade brasileira, tendo em vista a perspectiva da impunidade.

Além dessa tirinha, também podemos fazer uma relação com a personagem Zé Carioca, conforme segue:



Fonte: <https://www.uol.com.br/splash/colunas>

Nesse caso, convém propor algumas perguntas norteadoras:

1. Você conhece o Zé Carioca?
2. Sabe por que tem esse nome?
3. Há relatos de que teria sido inspirado em alguns brasileiros. Você sabe quem são?
4. De que forma a tirinha e o personagem se interligam?

A partir das respostas dos alunos, é fundamental que o professor esteja preparado para apresentar a eles o que, talvez, não estejam prontos para observar ou que ainda não tenham bagagem de leitura suficiente. Para que haja melhor aproveitamento desse momento de mediação do professor, algumas abordagens são relevantes:

- Contextualizar para os estudantes a história do personagem Zé Carioca e de que forma está ligado à ideia de "jeitinho brasileiro".
- Explicar os sentidos implícitos da expressão "jeitinho brasileiro". Será que essa expressão é preconceituosa? Por quê?

2. Durante a leitura

O texto a ser explorado, “O homem que sabia javanês”, foi publicado em uma obra organizada por Moacyr Scliar, com publicação pela editora SM. É interessante que os estudantes tenham acesso ao livro, para que percebam, com detalhes, a sua estrutura, as análises elaboradas, a biografia dos autores selecionados, a capa, as cores, as ilustrações. Além disso, é importante ter conhecimento do autor e da ilustradora. Para esse processo, sugere-se a seguinte sequência de passos para a eficiente leitura do texto em questão:

Passo 1 - Leitura individual e silenciosa: parte da compreensão do texto surge da relação existente entre ele e seu leitor. Por isso, a leitura silenciosa é relevante, pois passa a ser o primeiro contato com as palavras, as ideias e é nesse processo que as iniciativas de análise tomam forma. Vale ressaltar, ainda, a importância da orientação do professor para que o aluno marque vocábulos que não saiba o significado, períodos que chamam a sua atenção e que faça possíveis anotações sobre as ideias que lhe passam ao fazer a leitura. Além disso, selecionar palavras-chave é importante para que, mais tarde, os leitores possam estruturar mentalmente o texto como um todo. Serão elas, anotações e palavras-chave, que organizarão o pensamento e que serão essenciais para o momento de compartilhar as primeiras impressões com o grupo.

Passo 2 - Leitura oralizada e compartilhada: o fato de existir uma segunda leitura, agora, oralizada, contribui para que as percepções sejam partilhadas entre os alunos. É fundamental, nesta fase, que o professor permaneça como um atento mediador, faça questionamentos e que possa desenvolvê-los, a partir das contribuições dos estudantes. Para isso, então, algumas questões são fundamentais para potencializar essa preparação.

Anexo I – O homem que sabia javanês, de Lima Barreto

1. De que livro estamos falando? “Leituras de escritor”, organizado por Moacyr Scliar, editora SM. É importante salientar que a organização parte de uma escolha pessoal de quem faz a seleção. Conhecer a biografia de Scliar é conhecer um pouco da história literária do Rio Grande do Sul.
2. Como é organizada uma coletânea de textos como essa?
3. Qual é a composição de textos? Quem são os escritores selecionados?
4. O livro inicia com uma pequena apresentação dos editores intitulada “Um leitor privilegiado”. De que trata e qual a importância para o leitor?
5. Ao final de cada conto, há um “sobre o autor e o conto”, uma pequena biografia e uma breve análise do texto. Como isso auxilia o leitor adolescente?
6. A leitura da análise pode substituir a do conto na íntegra? Por quê?

3. Após a leitura

De “posse” das ideias principais do texto, inicia-se a manipulação lexical e, para isso, algumas perguntas devem nortear a discussão:

Questões de interpretação e compreensão:

1. Qual é o título do texto?
2. Qual é o assunto?
3. Onde e quando o texto foi publicado?
4. Possivelmente, quem são os leitores desse texto?
5. Quem é o autor do texto?
6. Quantos parágrafos compõem o texto?
7. Escolha uma palavra ou frase-chave de cada parágrafo.
8. Faça uma relação entre o texto, sua data de publicação com a tirinha e a figura do Zé Carioca.
Escreva um parágrafo, com três períodos bem elaborados, explicando qual a relação entre os textos e por que essa temática é atual? (8 linhas de texto, no mínimo)

Questões léxico-gramaticais:

1. Circule no texto todas as palavras que você teve dificuldade para entender o significado e, depois, procure-o no dicionário.
2. No texto, observamos o uso do pronome “tu”. O que isso nos indica sobre o emprego da linguagem na época em que o texto foi escrito?
3. No Rio Grande do Sul, embora seja amplamente usado o pronome “tu”, o verbo, nas situações comunicativas informais, costuma ser conjugado no “você” (*Tu vai à festa? Tu fez o tema?*). O mesmo processo acontece no conto lido? Como você explica essa diferença de emprego do pronome “tu”?
4. Hoje, ainda usamos o pronome “tu” em situações mais informais de comunicação. E nas situações formais, qual ou quais pronomes costumamos usar?
5. Qual sentido podemos entender pela expressão “respeitabilidades”? Se necessário, volte ao trecho do texto onde ela aparece para formular sua resposta.
6. No trecho “Cansa-se, mas não é disso que me admiro”, qual o valor semântico apresentado a partir da conjunção coordenativa?
7. Leia: “Imagina tu que eu já fui professor de javanês!” – “[...] E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso”. No trecho apresentado, que palavra é retomada por **isso**?

8. No trecho: “[...] ainda continuei no quarto a engolir o ‘a-b-c’ malaio, e com tanto afinco levei o propósito que, de manhã, **q** sabia perfeitamente”, a palavra destacada faz retomada de qual termo?

PARA SABER MAIS

REIS, C. A.; LOPES, A. C. M. Dicionário de Narratologia. Editora Almedina, 2000.

Sobre o escritor Moacyr Scliar:

<https://www.academia.org.br/academicos/moacyr-scliar/biografia>

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. Ed. São Paulo: Global, 1998.

SCLIAR, M. **Biografia de Moacyr Scliar**. In: <<https://www.academia.org.br/>> _____ . **Leituras de escritor**. 3. Ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

ANEXO I:

O Homem que Sabia Javanês, de Lima Barreto

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo !

— Só assim se pode viver... Isto de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho agüentado lá, no consulado !

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

— Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.


— Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

— Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anúncio seguinte:

"Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc." Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os "cadáveres". Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a Grande Encyclopédie, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java



e a língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma grande ilha do arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésico, possuía uma literatura digna de nota e escrita em caracteres derivados do velho alfabeto hindu.

A Encyclopédie dava-me indicação de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronunciação figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras. Na minha cabeça dançavam hieróglifos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardá-los bem na memória e habituar a mão a escrevê-los.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas do encarregado, ainda continuei no quarto a engolir o meu "a-b-c" malaio, e, com tanto afínco levei o propósito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos:

— Senhor Castelo, quando salda a sua conta?

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperança:

— Breve... Espere um pouco... Tenha paciência... Vou ser nomeado professor de javanês, e...

Por aí o homem interrompeu-me:

— Que diabo vem a ser isso, Senhor Castelo?


Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem:

— É uma língua que se fala lá pelas bandas do Timor. Sabe onde é?

Oh! alma ingênua! O homem esqueceu-se da minha dívida e disse-me com aquele falar forte dos portugueses:

— Eu cá por mim, não sei bem; mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de **Macau**. E o senhor sabe isso, Senhor Castelo?

Animado com esta saída feliz que me deu o javanês, voltei a procurar o anúncio. Lá estava ele. Resolvi animosamente propor-me ao professorado do idioma oceânico. Redigi a resposta, passei pelo Jornal e lá deixei a carta. Em seguida, voltei à biblioteca e continuei os meus estudos de javanês. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alfabeto javanês o único saber necessário a um professor de língua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliografia e história literária do idioma que ia ensinar.



Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao doutor Manuel Feliciano Soares Albernaz, Barão de Jacuecanga, à Rua Conde de Bonfim, não me recordo bem que número. É preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanês. Além do alfabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, também perguntar e responder "como está o senhor?" - e duas ou três regras de gramática, lastrado todo esse saber com vinte palavras do léxico.

Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil - podes ficar certo - aprender o javanês... Fui a pé. Cheguei suadíssimo; e, com maternal carinho, as anosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o único momento em que cheguei a sentir a simpatia da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei porque me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver anos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirais do telhado, daquelas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begônias. Os crótons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores mortiças. Bati. Custaram-me a abrir. Veio, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam à sua fisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e sofrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barba em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfunadas pelos redondos vestidos à balão; mas, daquelas velhas coisas, sobre as quais a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou da Índia, como se diz. Aquela pureza da louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquele seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquele objeto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desiludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto trôpego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de

respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse ele o discípulo, era sempre um crime mistificar aquele ancião, cuja velhice trazia à tona do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou, avancei, o professor de javanês, que o senhor disse precisar.

— Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio?

— Não, sou de Canavieiras.

— Como? fez ele. Fale um pouco alto, que sou surdo, — Sou de Canavieiras, na Bahia, insisti eu. — Onde fez os seus estudos?

— Em São Salvador.

— Em onde aprendeu o javanês? indagou ele, com aquela teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Contei-lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês.

— E ele acreditou? E o físico? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objetei, lá muito diferente de um javanês. Estes meus cabelos corridos, duros e grossos e a minha pele basané podem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio...Tu sabes bem que, entre nós, há de tudo: índios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. É uma comparsaria de raças e tipos de fazer inveja ao mundo inteiro.

— Bem, fez o meu amigo, continua.

— O velho, emendei eu, ouviu-me atentamente, considerou demoradamente o meu físico, pareceu que me julgava de fato filho de malaio e perguntou-me com doçura:

— Então está disposto a ensinar-me javanês?


— A resposta saiu-me sem querer: — Pois não.

— O senhor há de ficar admirado, aduziu o Barão de Jacuecanga, que eu, nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

— Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos... ?

— O que eu quero, meu caro senhor....

— Castelo, adiantei eu.




— O que eu quero, meu caro Senhor Castelo, é cumprir um juramento de família. Não sei se o senhor sabe que eu sou neto do Conselheiro Albernaz, aquele que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro em língua esquisita, a que tinha grande estimação. Fora um hindu ou siamês que lho dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: "Filho, tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o; mas, se queres que o fado que me deitou o sábio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz." Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. Às portas da morte, ele mo deu e disse-me o que prometera ao pai. Em começo, pouco caso fiz da história do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me dele; mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, se não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro, que preciso entender o javanês. Eis aí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.

Veio o livro. Era um velho calhamaço, um in-quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarelado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas páginas de prefácio, escritas em inglês, onde li que se tratava das histórias do príncipe Kulanga, escritor javanês de muito mérito.

Logo informei disso o velho barão que, não percebendo que eu tinha chegado aí pelo inglês, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartapácio, à laia de quem sabe magistralmente aquela espécie de vasconço, até que afinal contratamos as condições de preço e de hora, comprometendo-me a fazer com que ele lesse o tal alfarrábio antes de um ano.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras.



Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até aí nada sabiam da história do livro) vieram a ter notícias do estudo do velho; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distraí-lo.

Mas com o que tu vais ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanês. Que coisa Única! Ele não se cansava de repetir: “É um assombro! Tão moço! Se eu soubesse isso, ah! onde estava!”

O marido de Dona Maria da Glória (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanês. Por outro lado, o barão estava contentíssimo. Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...


Ficava extático, como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos !

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, aumentava-me o ordenado. Passava, enfim, uma vida regalada.

Contribuiu muito para isso o fato de vir ele a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho atribuiu a cousa ao meu javanês; e eu estive quase a crê-lo também.

Fui perdendo os remorsos; mas, em todo o caso, sempre tive medo que me aparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande, quando o doce barão me mandou com uma carta ao Visconde de Caruru, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objeções: a minha fealdade, a falta de elegância, o meu aspecto tagalo. — "Qual! retrucava ele. Vá, menino; você sabe javanês!" Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Estrangeiros com diversas recomendações. Foi um sucesso.

O diretor chamou os chefes de seção: "Vejam só, um homem que sabe javanês — que portento!"



Os chefes de seção levaram-me aos oficiais e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com ódio do que com inveja ou admiração. E todos diziam: "Então sabe javanês? É difícil? Não há quem o saiba aqui!"

O tal amanuense, que me olhou com ódio, acudiu então: "É verdade, mas eu sei canaque. O senhor sabe?" Disse-lhe que não e fui à presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, pôs as mãos às cadeiras, concertou o pince-nez no nariz e perguntou: "Então, sabe javanês?" Respondi-lhe que sim; e, à sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a história do tal pai javanês. "Bem, disse-me o ministro, o senhor não deve ir para a diplomacia; o seu físico não se presta... O bom seria um consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bale, onde vai representar o Brasil no Congresso de Lingüística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller, e outros!"

Imagina tu que eu até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Pus-me com afã no estudo das línguas maleo-polinésicas; mas não havia meio!


Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E a minha fama crescia. Na rua, os informados apontavam-me, dizendo aos outros: "Lá vai o sujeito que sabe javanês." Nas livrarias, os gramáticos consultavam-me sobre a colocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornais citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alunos sequiosos de entenderem o tal javanês. A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio* um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna...

— Como, se tu nada sabias? interrompeu-me o atento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxílio de dicionários e umas poucas de geografias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram? perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quase fico perdido. A polícia prendeu um sujeito, um marujo, um tipo bronzeado que só falava uma língua esquisita. Chamaram diversos intérpretes, ninguém o entendia. Fui também chamado, com todos os respeitos que a



minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças à intervenção do cônsul holandês, a quem ele se fez compreender com meia dúzia de palavras holandesas. E o tal marujo era javanês — uf!

Chegou, enfim, a época do congresso, e lá fui para a Europa. Que delícia! Assisti à inauguração e às sessões preparatórias. Inscreveram-me na seção do tupi- guarani e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no Mensageiro de Bale o meu retrato, notas biográficas e bibliográficas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquela seção; não conhecia os meus trabalhos e julgara que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a seção do tupi- guarani. Aceitei as explicações e até hoje ainda não pude escrever as minhas obras sobre o javanês, para lhe mandar, conforme prometi.

Acabado o congresso, fiz publicar extratos do artigo do Mensageiro de Bale, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores de minhas obras me ofereceram um banquete, presidido pelo Senador Gorot. Custou-me toda essa brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos, quase toda a herança do crédulo e bom Barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da república, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia.

- É fantástico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.
- Olha: se não fosse estar contente, sabes que ia ser?
- Quê?
- Bacteriologista eminente. Vamos?
- Vamos.

Fonte: BARRETO, Lima. O homem que sabia javanês. In.: **Site do Domínio Público**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000165.pdf>